

O ENSINO DE GRAMÁTICA: QUESTÕES DE ORDEM TEÓRICA

GRAMMAR EDUCATION: THEORETICAL ORDER ISSUES

CUNHA, Neivaldo Mendes da¹

ASSIS, Eleone Ferraz de²

Resumo: A língua é um sistema que se caracteriza pelo dinamismo e a maleabilidade do uso. O foco das discussões neste artigo tem como objetivo refletir sobre os contextos comunicativos que representam um conjunto de fatores determinantes das construções e das escolhas lexicais. A metodologia utilizada é a da pesquisa bibliográfica em artigos que tratam dos usos da língua e da linguística funcional. Tem, em autores como Furtado da Cunha (2003, 2007, 2013), Aquino (2015), Martellota (2013), entre outros, as contribuições no sentido de trazer à luz das discussões as abordagens do ensino de gramática em sala de aula: da tradição estruturalista ao funcionalismo, as novas metodologias indicam a inclusão de um ensino que leve aos alunos a funcionalidade da língua, ou seja, traga às reflexões o sistema em situações de uso. É no uso que a língua se mostra maleável, em processo, e é sob a perspectiva dinâmica que o aluno deve estudar e compreender a língua e a gramática, para que se torne um comunicador consciente e ciente de quanto maleável é esse sistema.

Palavras-chave: Gramática; Funcionalismo; Ensino.

Abstract: Language is a system characterized by the dynamism and malleability identified in the use. The focus of the discussions in this article is to reflect on the communicative contexts that represent a set of determinants of the constructions and the lexical choices. The methodology used is that of bibliographic research in articles dealing with the uses of language and functional linguistics. In the authors such as Furtado da Cunha (2003, 2007, 2013), Aquino (2015), Martellota (2013), among others, the contributions to bring to the light of the discussions the approaches of teaching grammar in the classroom: from the structuralist tradition to the functionalism, the new methodologies indicate the inclusion of a teaching that brings to the students the functionality of the language, that is, bring to reflections the system in situations of use. It is in the use that the language proves malleable, in process, and it is under the dynamic perspective that the student must study and understand the language and the grammar, so that it becomes a conscious communicator and aware of how malleable this system is.

Keywords: Grammar; Functionalism; Teaching

INTRODUÇÃO

O ensino de gramática tem sido alvo de reflexões de professores e de estudiosos da educação e da língua portuguesa. Comuns a todas as discussões, as divergências se instauram:

¹ Graduado em Letras Português/Inglês pela Faculdade Cora Coralina (1995); Mestrando em Língua, Literatura e Interculturalidade pela UEG – Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina.

² Pós-doutor em Estudos Linguísticos (UFG) e doutor em Língua Portuguesa (UERJ). Professor da Universidade Estadual de Goiás e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade.

de um lado, aqueles que defendem uma abordagem tradicional respaldada por correntes estruturalistas e gerativistas; de outro, aqueles cuja abordagem considera a gramática como um caminho aberto às situações de usos da língua. A corrente funcionalista respalda esse grupo.

Nesse “campo de batalha” (aspas nossa), o funcionalismo marca uma oposição entre as correntes tradicionais, visto que sua preocupação com os estudos de gramática leva em consideração as estruturas que emergem dos contextos comunicativos, ou seja, a língua em processo, portanto, incontrolável, indomável, que não cabe nos sistemas engessados pela tradição. Importante dizer que a corrente funcionalista não nega nem rasga as teorias antecessoras; ele agrega, contribui com olhares novos para as estruturas linguísticas que, por sua vez, são dinâmicas. Na perspectiva funcionalista, as propostas teóricas e os métodos são distintos (FURTADO DA CUNHA, 2013).

Discute-se, neste artigo, o sistema linguístico em uso, as construções que se identificam nos processos comunicativos e nos contextos distintos. Aí é que se encontra o dinamismo e a maleabilidade da língua, e sob essa perspectiva é que a língua é tomada pela corrente Funcionalista como objeto de estudo.

Na sala de aula, as abordagens funcionalistas põem o aluno em contato com uma língua que não se prende a regras imutáveis, mas sim, segue os princípios de cada situação comunicativa.

Abordagem funcionalista no ensino de gramática

A língua, sob a perspectiva estruturalista, se molda a partir de um conjunto de regras que não prevê novas possibilidades. Nesse sentido, segue um padrão que determina as construções e as estruturas. Contudo, há uma outra abordagem que leva em consideração os contextos específicos de interação.

Assim, a

[...] atividade social enraizada no uso comunicativo diário e por ele configurada é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem e, portanto, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação [...] está sempre entrelaçada às atividades interacionais em que as pessoas estão engajadas (FURTADO DA CUNHA e TAVARES, 2007, p. 14).

Tomada como um corpo em estado de metamorfose, a língua reflete uma realidade maior: a das relações sociais. Assim, é uma atividade social à medida que põe os sujeitos no campo da interação, de acordo com os interesses individuais e coletivos; envolve as condicionantes contextuais e os processos discursivos.

De acordo com esses pressupostos, pode-se dizer que “A abordagem funcionalista procura explicar regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 157). O interesse da linguística transcende, portanto, as estruturas gramaticais ao entender que a língua se faz conforme o evento comunicativo.

Na composição do evento comunicativo, os contextos de interatividade são determinantes para as análises funcionalistas e para as escolhas das estruturas sintáticas. Isso define ainda uma relação recíproca entre a parte normativa (as regras) e as situações de uso da língua. Desse modo, a gramática assentada em bases funcionalistas “procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 158). No rastro das palavras de Furtado da Cunha, constata-se as duas situações importantes às discussões: tradição e a inovação. Em oposição, mas não inimigo das sentenças descontextualizadas que servem de atividades ao estudo de gramática em muitos livros didáticos, o funcionalismo trabalha com situações de uso efetivo da língua.

Ainda de acordo com Furtado da Cunha (2013), interessa também aos funcionalistas o fenômeno da aquisição da língua. Os postulados dessa corrente defendem a ideia de que o uso viabiliza a criação de uma gramática própria dos grupos de fala, ou seja, as estruturas se definem a partir de uma constância, uma regularidade de construções que surgem do uso.

Os funcionalistas defendem ainda:

[...] a visão de que a linguagem não constitui um conhecimento específico, como propõem os gerativistas, mas um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas integradas ao resto da psicologia humana [...] Ou seja, os conceitos humanos associam-se à época, à cultura, e até mesmo a inclinações individuais caracterizadas no uso da linguagem. (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 158).

A partir dessa constatação, pode-se compreender que a linguagem é um resultado do evento comunicativo e envolve a cognição, as vivências, as relações sociais e todos os atores identificados no contexto de uso da língua. Isso equivale a dizer que a língua não possui a autonomia defendida por algumas correntes.

Aquino (2015) diz que a língua se faz nos meios sociais, conforme os interesses dos sujeitos falantes; depende, portanto, das condições culturais e interacionais. Por isso mesmo, aos funcionalistas não interessa as noções de autonomia da língua, embora eles não as desprezem.

Os pressupostos dessa corrente defendem a ideia de que a língua é uma atividade social cotidiana, e por essa razão se faz no interior das situações comunicativas. A partir dessa noção, a gramática constitui um apanhado maleável, dinâmico por natureza, tal como também é dinâmico tudo o que diz respeito à vida e aos sujeitos sociais (FURTADO DA CUNHA e SOUZA, 2007).

Para explicar a língua tal como a concebe, o Funcionalismo considera os elementos linguísticos e extralinguísticos com a mesma importância. Desse modo, a sintaxe, por exemplo, “tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 163).

Nessa direção, Furtado da Cunha (2013) considera a gramática

[...] como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes [...] as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada [...] a análise dos processos de variação e mudança linguística constitui uma das áreas de interesse privilegiado da linguística funcional (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 164).

Partindo desses pressupostos, o professor de língua, ao ensinar gramática, não deve ignorar os contextos de uso (sociais) no qual os alunos vivem, pois é aí que a maleabilidade das construções se mostra e revela quão importantes são os falantes para linguística funcionalista. De acordo com essa ciência, “o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente” (CEZARIO & FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 14).

Nesse momento das discussões, faz-se importante um pouco da história da Linguística Funcional, notadamente a norte-americana, que constrói suas bases nas

contribuições de Givón, Hopper, Thompson e Chafe, principalmente. No Brasil, foi difundida por Martelotta (2013), Furtado da Cunha & Tavares (2007), Cezario & Furtado da Cunha (2013), dentre outros. Ganha relevância ao lidar com situações concretas de uso da língua e encontra, aí, as fontes profícuas de seu objeto de estudo. No cotidiano é que a língua se mostra verdadeiramente; no dia a dia é que as variações ganham destaque e força. Falando, vivenciando a língua socialmente, os sujeitos constroem sua identidade dentro dos grupos de fala a que pertencem: “[...] é nesse espaço que a gramática é constituída. [...] um conjunto de formas, padrões e práticas que surgem para servir às funções que os falantes necessitam desempenhar com mais frequência” (FORD; FOX; THOMPSON, 2003, p. 122 *apud* FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p. 18).

Contrário a essa noção de uma gramática maleável que brota da língua em processo e em uso, a gramática que se desconecta das experiências dos grupos de fala incorre em ineficiências no ensino de língua portuguesa. A gramática da língua requer uma abordagem de como os sujeitos se constituem socialmente; não do sistema isolado, sem as condicionantes de natureza social, ideológica, política, cultural etc.

Continuando sob plêiade desses autores, enfatiza-se a ideia de que o Funcionalismo lançou novas luzes sobre a gramática, ao entender que a linguagem se define, “...essencialmente, como um instrumento de interação social, empregado por seres humanos com o objetivo primário de transmitir informações entre interlocutores reais” (PEZATTI, 2009, p. 169). Compreende-se, dessa forma, que a língua é um fenômeno interativo concreto; assim funciona e assim se constrói.

Nesse sentido,

[...] os funcionalistas estão interessados em explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Ultrapassam, portanto, o âmbito da estrutura gramatical, e buscam na situação comunicativa, que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua. (FURTADO DA CUNHA & SOUZA, 2007, p. 14-15).

As considerações que constam neste excerto fazem entender que o Funcionalismo desempenha importante função na compreensão dos fenômenos linguísticos que se mostram nas salas de aula. O contexto discursivo dos alunos não deve ser ignorado ao se ensinar a língua portuguesa; levá-los a refletir sobre os usos e as situações linguísticas incorporadas

pelos seus discursos é um importante passo rumo a uma aprendizagem mais significativa e mais produtora.

Na concepção funcionalista, a gramática

[...] não pode ser compreendida ou estudada sem referência tanto à sua evolução a partir do discurso quanto aos fatores comunicativos que governam seu surgimento. As regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada. (FURTADO DA CUNHA & SOUZA, 2007, p. 18-19)

De acordo com essas concepções, é importante destacar que

Na teoria funcionalista, a variação linguística é interpretada como um estágio da trajetória de regularização gramatical das formas linguísticas. Estudar a língua sob a perspectiva discursivo-textual permite, assim, que a gramática seja flagrada em seu funcionamento, evidenciando que ela é a própria língua em uso. (FURTADO da CUNHA & SOUZA, 2007, p. 19).

Tais pressupostos levam em consideração o fato de que o sistema comunicativo é um fenômeno social e dessa forma deve ser compreendido: na sua natureza heterogênea e na sua evolução identificada nas práticas comunicativas. Sobre isso, Martelotta (2003) diz que, por serem sensíveis às mudanças, as línguas se modelam a partir de fatores sociais, regionais, sexuais, culturais, temporais e espaciais.

Sintetizando os pressupostos funcionalistas aqui apresentados, obtém-se, em Givón, as seguintes aceções:

- *a linguagem é uma atividade sociocultural;
 - * a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
 - *a estrutura é não-arbitrária, motivada e icônica;
 - *mudança e variação estão sempre presentes;
 - *o sentido é contextualmente dependente e não atômico;
 - * as categorias não são discretas;
 - *a estrutura é maleável e não rígida;
 - * as gramáticas são emergentes;
 - *as regras de gramática permitem algumas exceções.
- (GIVÓN, 1995 apud MARTELOTTA & ARES, 2003, p. 28).

A partir dessa síntese, reafirma-se que a questão central do Funcionalismo é o fato de que a língua é dinâmica, heterogênea e se organiza de forma a atender aos objetivos do ato comunicativo. Não se admite falar, portanto, em um código como um fim em si mesmo: ele se

põe a serviço de significações e de nuances de que a gramática normativa e as correntes estruturalistas não se ocupam.

Assim, abrem-se várias possibilidades de discussões quando se trata do ensino e da aprendizagem de língua portuguesa, dada a sua heterogeneidade identificada, sobretudo, no uso, ou seja, na língua em processo e dinamicidade. Diante disso, a linguística, sob a perspectiva funcional, constitui um instrumento metodológico que trabalha com a língua na sua funcionalidade, ou seja, as situações de interação concreta e os processos de construção é o objeto de análise e reflexão da língua.

Para adotar o ensino da língua em situação de uso na escola, é necessário deixar a abordagem gramatical estanque e normatizadora para outros momentos. Desse modo, as abordagens das estruturas maleáveis requerem algumas condições, dentre os quais destaca Furtado da Cunha & Tavares (2007): o mais importante é que o professor de língua portuguesa tenha um bom domínio acerca da estrutura e do seu funcionamento. Depois, não menos importante, a compreensão de que os aspectos formais, discursivos e semânticos compõem uma rede, formam uma conexão indissociável. Compreender esse fenômeno implica em adotar uma prática de ensino de gramática que não se fragmenta na perspectiva funcional. Fragmentá-la seria uma prática das abordagens prescritivas, tradicionais.

Em convergência com tais pressupostos, Furtado da Cunha & Tavares (2007, p. 16-17) sobre o ensino de gramática:

[...] o ensino gramatical não pode ser centrado exclusivamente na variedade escrita padrão, que prioriza apenas um subconjunto de fatos, em detrimento das demais variedades. Ao contrário, é preciso expor o aluno a um conhecimento mais diversificado da realidade linguística brasileira, ajustando o ensino de português a essa realidade. [...] Cabe à escola desenvolver atividades que, contemplando a variação linguística observada e textos reais, falados e escritos, levem o aluno a perceber a adequação de determinados empregos em determinadas situações, ou seja, a língua em uso (FURTADO DA CUNHA E TAVARES, 2007, p. 16-17)

Desse modo, percebe-se que, na escola, o foco do ensino de língua portuguesa tem sido a língua padrão formal, considerando-a como a forma que dá prestígio, poder, *status* social e, por consequência, abre portas para uma ascensão econômica. Por essa razão, exclui das abordagens as variedades linguísticas que se identificam em outras situações de uso. Ou então as demais variantes linguísticas são tratadas com desmerecimento, como formas não legitimadas e, portanto, não merecedoras de serem estudadas nas salas de aula.

Contrariamente ao ensino da língua com foco apenas na variedade padrão formal, o Funcionalismo, por se ocupar da língua em uso, prevê que os alunos sejam estimulados a refletirem sobre a sua natureza viva e heterogênea. No uso, na interação é que a língua se mostra dinâmica, diversa, maleável e interessante aos alunos.

Na perspectiva funcionalista, portanto, não se leva para a sala de aula um texto escrito na variedade caipira, a pretexto de pedir o aluno para passá-lo à variedade padrão. Se assim fizer, comete-se um ato de preconceito linguístico e de desconstrução de uma cultura e de um falar genuíno, espontâneo.

Outro exemplo que ilustra a abordagem da língua em uso é o slogan de um comercial de cerveja que já não é mais veiculado pela mídia: “Skol, a cerveja que desce redondo.” Em uma aula de língua com foco na abordagem gramatical estrutural, diz-se que a forma verbal “descer” só admite o modificador “redondamente”, pois o advérbio é que modifica o verbo. Assim, ter-se-ia “Skol, a cerveja que desce redondamente.” Na abordagem funcionalista, considera-se o uso, envolvendo o contexto e todos os elementos que o compõem. Por exemplo: poder-se-ia dizer que a cerveja, sendo uma bebida consumida em momento de descontração, informalidade, se distanciaria desse propósito se o slogan fosse essa segunda demonstração. O uso de “redondo” no lugar de “redondamente” se explica pelo contexto de uso, naturalmente. Uma construção, entretanto, não invalida a outra. Apenas tem, cada qual, uma situação específica de uso. Fato é que a primeira construção (informal) mostra quão dinâmica e maleável a língua se mostra em contextos diferentes de uso. Essa heterogeneidade da língua em situação usual e os modos como ela se adapta a cada situação comunicativa é que tornam mais significativo e democrático o ensino de língua portuguesa nas salas de aula (análise nossa).

A abordagem funcionalista constrói sua argumentação em torno dos contextos de uso, aceitando o fato de que a linguagem sofre um processo de mudança conforme a necessidade de cada momento comunicativo. A gramática acolhe o fato extralinguístico e, no decorrer do tempo, o legitima, uma vez que não é a norma que faz o uso, mas o contrário (FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p. 34). Diante dessa perspectiva funcionalista:

[...] atuar como orientador do processo de construção e re-construção do saber gramatical dos alunos, incentivando-os a experimentarem a língua em suas múltiplas faces, em situações de uso real. Desse modo, estará criando oportunidades para a emergência de padrões gramaticais heterogêneos, e para o refinamento das estratégias de manejo desses padrões, com a

ampliação da capacidade de adequá-los a situações de usos variados (FURTADO DA CUNHA & TAMARES, 2007, p. 34-35).

Na função de orientador, compreendendo tais pressupostos, o professor pode facilmente levar o aluno a compreender e a refletir sobre a língua como um sistema avesso à camisa-de-força; ela é de fato dinâmica, muito mais do que e muito antes de ser um sistema de regras imutáveis. Dessa forma, sua natureza multifacetária e funcional a põe como um organismo vivo diante dos alunos, que entenderão sua característica de sistema indomável e sujeito a condições diversas.

A análise dos tópicos gramaticais, portanto, diante da abordagem funcionalista, só tem sentido a partir do trabalho com textos, já que é no contexto que as situações gramaticais fazem sentido. Estudar a língua a partir dos textos é, dessa forma, dizer não ao ensino de língua focado nos traços sintáticos e morfológicos fora de um contexto de que as construções emergem. Os gêneros que circulam no meio social se servem a esse trabalho de um modo enriquecedor, além do trabalho com as situações de fala.

De modo geral, concordamos com Furtado da Cunha & Tavares (2007, p. 48) quando elas apresentam a prioridade do que deve ser abordado pela gramática na escola, a saber:

Enfim, a prioridade, no que diz respeito à abordagem da gramática na escola, é estimulada diariamente os alunos a usarem e abusarem de itens gramaticais em suas diferentes funções, produzindo textos de gêneros variados, orais e escritos, formais e informais, e refletindo sobre o que a utilização de um dado item traz para cada texto em termos de efeitos semântico-pragmáticos e morfossintáticos. Isso condiz com as propostas lançadas também nos documentos oficiais, como nos PCN, por exemplo (FURTADO DA CUNHA & TAVARES, 2007, p. 48).

As múltiplas performances da língua em uso estão em consonância com a linguística funcionalista ao considerarem os elementos linguísticos e extralinguísticos nas análises e na compreensão do sistema. Na escola, instituição disseminadora do conhecimento linguístico, dentre todas as formas de conhecimento, o aluno em contato com as multifaces da língua adquire maiores condições de fazer uso do sistema de signos conforme os contextos comunicativos.

De acordo com Neves (2003), é contraproducente trabalhar com a gramática no sentido de descrevê-la como um sistema prescritivo fixo:

[...] a perspectiva direcionadora do tratamento escolar da linguagem seria, a princípio, a rejeição de moldes, sejam eles de desempenho, guiado por submissão estrita a normas linguísticas consideradas legitimadas, sejam eles de organização de entidades metalinguísticas, guiadas por submissão estrita a um paradigma e suas exemplificações, o qual, excluindo outras formas, veladamente constitui uma organização modelar, e, portanto, diretiva. (NEVES, 2003, p. 117).

Estudar gramática sob esse prisma é o mesmo que prescrever a memorização de um sistema desvinculado e aleatório, com o fim em si mesmo. Assim tomada, a gramática não se presta a uma comunicação eficiente, pois ao considerar a língua como a manifestação de um receituário hermético, não se abrem as possibilidades que o uso mostra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões que se fizeram neste artigo, chega-se à conclusão de que à instituição escolar cabe muito mais destacar a heterogeneidade do que uma imutabilidade da língua. Certamente, uma perspectiva não anula a outra, mas o importante é discutir o valor e a importância de cada abordagem, deixando claras as contribuições de todas as formas, todas as construções.

Ao professor de língua portuguesa cabe dar visibilidade também a outras perspectivas, sem fazer proselitismo. Antes, é preciso entender o valor de cada escolha conforme cada contexto de comunicação. Na sala de aula, o que não deve acontecer é o preconceito linguístico, sob pena de incorrer-se na exclusão por meio da linguagem.

As discussões feitas neste artigo foram o resultado de outras discussões realizadas por articulistas que têm, na língua em uso, seu objeto de estudo e de análise. Ao considerar a língua como um sistema maleável e dinâmico, que se realiza nas situações de uso, adotou-se a corrente funcionalista como o direcionamento teórico para compreender a importância do professor de língua portuguesa no processo de ensino e aprendizagem da língua em construção.

No sentido dos pressupostos que orientaram as discussões, entendeu-se que o ensino de língua portuguesa tem o objetivo de desenvolver a competência e a habilidade da leitura e da escrita, de modo que se possa refletir sobre as estruturas gramaticais a partir do trabalho com textos, reconhecendo neles os meios de interação que reproduzem e alimentam discursos, viabilizam a interação comunicativa.

Desse modo, “a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos” (BRASIL, 1997, p. 15). Nessa direção, é importante levar para a sala de aula uma variedade de gêneros, tendo em vista a diversidade de situações comunicativas que estão inseridas no meio social.

O trabalho com a língua deve partir das situações de uso, sabendo que isso não se trata de eleger uma forma como legítima e outra como desprestigiada, mas como adequadas a cada situação de comunicação, pois é no uso que a linguagem mostra sua natureza multifacetária e dinâmica.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Jaciara Limeira de. *O ensino de gramática numa perspectiva funcionalista: o caso da concordância verbal*. 2015. Pau dos Ferros-RN, 2015, Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- CEZARIO, M. C & FURTADO da CUNHA, M. A. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.
- FURTADO da CUNHA, M. A. & SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, Angélica & TAVARES, Maria Alice. Linguística funcional e ensino de gramática. In: FURTADO DA CUNHA, Angélica & TAVARES, Maria Alice (Orgs.). *Funcionalismo e ensino de gramática*. Editora da UFRN, Natal-RN, 2007.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. A mudança linguística. In: FURTADO DA CUNHA, M. A & RIOS DE OLIVEIRA, M. et. al (Orgs.). *Linguística funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo & AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A & RIOS DE OLIVEIRA, M. et. all (Orgs.). *Linguística funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, M. H. de M. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003.

PEZATTI, E. G. *O Funcionalismo em linguística*. In: MUSSALIN, F & BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2009.